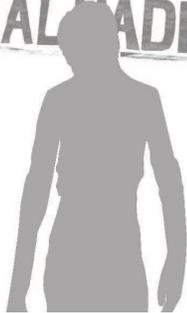


*Gays ricos e bichas
pobres: desenvolvimento,
desigualdade
socioeconômica e
homossexualidade
no Brasil*

**CONTRA A DISCRIMINAÇÃO DO/A
TRABALHADOR/A HOMOSSEXUAL**



GAYS RICOS E BICHAS POBRES: DESENVOLVIMENTO, DESIGUALDADE SOCIOECONÔMICA E HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL

RESUMO

Este artigo expõe algumas considerações sobre a complexa relação entre desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e minorias sexuais no Brasil. A primeira parte analisa a relação entre o processo de modernização e o surgimento de redes e comunidades gays e lésbicas. Baseando-se em argumentos apresentados por John D'Emilio em seu artigo *Capitalism and Gay Identity* (1983), esta análise traça o impacto da urbanização e do crescimento do trabalho assalariado na importância e no papel da família. A segunda parte explora em maiores detalhes a relação entre classe e homossexualidade, demonstrando como a classe social afeta a criação de relações homoafetivas e redes homosociais, o uso de espaços comunitários, e a prática da violência contra gays, lésbicas e travestis. A terceira e última parte apresenta considerações sobre a relação entre classe e o movimento social de gays e lésbicas.

PALAVRAS-CHAVE

Homossexualidade; Classe social; Brasil; Movimentos sociais

Juan P. Pereira Marsiaj¹

**G A Y S R I C O S E
B I C H A S P O B R E S :
D E S E N V O L V I M E N T O ,
D E S I G U A L D A D E
S O C I O E C O N Ô M I C A E
H O M O S S E X U A L I D A D E N O
B R A S I L**

Durante o conturbado período de abertura política no final dos anos de 1970, caracterizado, entre outros, pelo processo de *ressurreição da sociedade civil*², vários movimentos sociais vieram à tona. Estes movimentos apresentavam uma grande variedade de reivindicações, desde questões políticas e materiais mais tradicionais a questões até então ignoradas ou marginalizadas da esfera política, como sexualidade e, de certa maneira, comportamento, gênero e raça. Dentre os diversos grupos mobilizados, gays e lésbicas se tornaram gradualmente visíveis na esfera pública. Essa mobilização e conquista do espaço público não surgiu do nada, mas sim de um longo processo de desenvolvimento de redes homoeróticas e homosociais nas principais cidades brasileiras desde o final do século XIX.³ Com o tempo, essas redes proporcionaram a base social para a politização de questões ligadas à orientação sexual no final dos anos de 1970. Nas últimas duas décadas, presenciamos o surgimento de grupos e redes de minorias sexuais cada vez mais complexos e públicos, incluindo vários sub-grupos como gays, lésbicas, travestis, bissexuais, transexuais e transgêneros. Outros

¹ Doutorando em Ciência Política na Universidade de Toronto, Canadá. <juan.pereiramarsiaj@utoronto.ca>

² O'DONNELL, G.; SCHMITTER, P. *Transitions from authoritarian rule: tentative conclusions about uncertain democracies*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1986.

³ GREEN, J. N. *Beyond Carnival: male homosexuality in Twentieth-Century Brazil*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

exemplos deste fenômeno são o aumento do número de estabelecimentos comerciais voltados para esta clientela (o chamado “mercado cor-de-rosa”, ou “*pink economy*” em países norte-americanos), assim como o crescimento de manifestações celebrando a diversidade sexual em diversas cidades, as Paradas do Orgulho GLBT (Paradas do Orgulho Gay, Lésbica, Bissexual e Transgênero).

Apesar da semelhança destes grupos e de seus movimentos sociais organizados com aqueles da América do Norte, diferenças importantes existem entre eles. Diferenças nos contextos político, cultural e econômico geram uma realidade e condições distintas daquelas enfrentadas por gays e lésbicas em países desenvolvidos. Este artigo busca analisar algumas das maneiras como o contexto econômico brasileiro afeta a formação e o desenvolvimento de comunidades e movimentos de gays e lésbicas.⁴ Acredito que, dada a primazia do *status* socioeconômico como categoria de estratificação da sociedade brasileira, ele afeta profundamente a política de identidade a que se dedicam vários grupos, como por exemplo gays e lésbicas. A análise apresentada neste artigo está majoritariamente baseada em material secundário sobre o assunto, sendo que vários pontos foram confirmados em entrevistas informais com militantes do movimento gay e lésbico.

Buscando delinear certas considerações sobre as ligações entre *status* socioeconômico e orientação sexual, este artigo terá três partes. Na primeira parte, irei explorar os vínculos entre alguns aspectos do processo de modernização (em especial a

⁴ Versões preliminares deste artigo foram apresentadas na Conferência Q Grad 2001: 3rd Annual Graduate Student Conference on Sexuality and Gender, na University of California at Los Angeles (UCLA), em outubro de 2001 e no VI Congresso Internacional da Brazilian Studies Association (BRASA), em Atlanta, Georgia, em abril de 2002. Gostaria de agradecer a James Green por seus comentários e motivação, assim como Philip Oxhorn e os diversos participantes das duas conferências. A Bruno Marsiaj, a Elaine Zanatta e sua equipe do *Cadernos AEL* sou grato pela inestimável ajuda editorial. O termo “comunidade” será usado vagamente, para referir-se a redes homosociais ou homoeróticas, muitas vezes reforçadas e estruturadas por estabelecimentos comerciais, organizações e outras instituições freqüentadas ou utilizadas por gays, lésbicas e travestis. Em relação à diferença entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, deve-se mencionar que ela é, freqüentemente, apenas uma questão de grau, isto é, lógicas semelhantes se aplicam às duas regiões, mas em níveis diferentes.

urbanização e industrialização) e o surgimento de comunidades gays e lésbicas no Brasil. Na segunda parte, irei analisar a relação entre desigualdade socioeconômica e a evolução de tais comunidades. Na terceira parte, concluirei com alguns comentários sobre a relação entre classe e o movimento de gays e lésbicas no Brasil.⁵

Antes de seguir com a discussão delineada acima, é preciso esclarecer que a maior parte da análise a ser apresentada lida com a homossexualidade masculina. Esse desequilíbrio se deve à escassez de material disponível sobre a condição e evolução da comunidade lésbica no Brasil. Acredito que tal escassez está ligada, em parte, ao fato de mulheres terem sido historicamente relegadas à esfera privada (impedindo assim que se desenvolvessem comunidades de caráter mais público, como foi o caso entre homossexuais masculinos) e também ao silêncio que envolve a sexualidade feminina de maneira geral, ambos fenômenos decorrentes de uma ordem patriarcal.⁶ Não devemos esquecer também que, além da discriminação econômica baseada na orientação sexual, existem também aquelas baseadas no gênero e raça. Conseqüentemente, não é nenhuma surpresa que, ao se analisar o impacto do desenvolvimento econômico sobre minorias sexuais, encontrem-se divergências entre gays, lésbicas e travestis e entre brancos e negros. Apesar destas considerações, acredito que várias das lógicas a serem analisadas podem ser aplicadas, com maior ou menor grau de precisão, à situação dos diversos grupos mencionados.

Antes de prosseguir, gostaria de destacar duas das principais características do processo de desenvolvimento econômico brasileiro: níveis significativos de urbanização e industrialização, assim como altos índices de desigualdade

⁵ Usarei o termo "classe" como sinônimo de *status* socioeconômico. "Classe", conforme utilizado neste artigo, não implica necessariamente noções de identidade ou consciência.

⁶ Esta situação faz com que pesquisadores, em especial historiadores, estejam limitados à memória das mulheres que ainda estão vivas, pois documentos textuais são praticamente inexistentes. Em seu trabalho sobre a história de lésbicas na cidade de Buffalo, no Estado de Nova York, por exemplo, Elizabeth KENNEDY e Madeline DAVIS dizem: *Nós fomos forçadas a começar nos anos 30 porque a memória de nossas narradoras só ia até essa época*, citado em HIGGS, D. Introduction. In: _____. (Org.). *Queer sites: gay urban histories since 1600*. New York: Routledge, 1999. p. 1-9. [trad. minha]

socioeconômica. Desde meados do século XX, o país presenciou em certos períodos um rápido crescimento econômico. Como se sabe, esse crescimento não beneficiou todas as classes de maneira igual. A desigualdade é não somente persistente, mas crescente, como indicam estatísticas recentes. Reis mostra que, em 1990, cerca de 12% da população vivia em situação de miséria e que, em 1997, essa proporção havia aumentado para 15%, enquanto cerca de 24% da população vivia em estado de pobreza. No outro extremo, no final dos anos 90, os 10% mais ricos detinham 48% da renda nacional.⁷

MODERNIZAÇÃO, COMUNIDADES E IDENTIDADES

Em seu artigo *Capitalism and Gay Identity*, John D'Emilio indica como mudanças ocasionadas pelo desenvolvimento capitalista e pela modernização criaram as condições necessárias para o surgimento de comunidades e da identidade gay modernas.⁸ De acordo com D'Emilio, a expansão do capital e do trabalho assalariado num Ocidente cada vez mais urbano e industrializado teve um forte impacto nas funções, significados e valores da família. Com o estabelecimento do trabalho assalariado, a família deixa de ser uma unidade de produção auto-suficiente, como era o caso no contexto rural anterior. A família perdeu, assim, algumas de suas funções econômicas, e sua função "afetiva" tornou-se gradativamente mais importante. Além disso, a modernização trouxe consigo certas mudanças que diminuíram a centralidade da procriação, como demonstra a drástica queda nas taxas de natalidade. Conseqüentemente, com um enfraquecimento do domínio familiar sobre indivíduos, assim como mudanças na natureza e funções de relacionamentos heterossexuais, um espaço se abriu e se concretizou a possibilidade para certos indivíduos (em sua maioria homens) de se separar

⁷ REIS, E. P. Modernization, citizenship and stratification: historical processes and recent changes in Brazil. *Daedalus*, Cambridge, MA, EUA, v. 129, n. 2, p. 171-194, 2000.

⁸ D'EMILIO, J. Capitalism and gay identity. In: SNITOW, A.; STANSELL, C.; THOMPSON, S. (Org.). *Powers of desire: the politics of sexuality*. New York: Monthly Review Press, 1983. p. 100-113.

de suas famílias e organizar uma nova vida baseada em sua atração por pessoas do mesmo sexo. Uma vez nos crescentes centros urbanos, e valendo-se de seus próprios salários para sua sobrevivência, novos relacionamentos, pequenos grupos de amigos e, assim, mais tarde, comunidades mais complexas se formaram entre as pessoas que se sentiam atraídas por outras pessoas do mesmo sexo. Tais comunidades tornaram possível o desenvolvimento de uma identidade baseada nessa atração homossexual, que mais tarde serviu de base para os movimentos de liberação gay nos países desenvolvidos.

A relação entre capitalismo e orientação sexual, entretanto, não é tão simples, como o próprio D'Emilio enfatiza.⁹ O capitalismo, enquanto de um lado enfraquece a família tradicional, de outro fortalece a família nuclear, assim como a divisão sexual do trabalho e a rígida divisão entre as esferas pública e privada. Logo, uma análise mais cuidadosa buscaria diferenciar a maneira como estes processos históricos influenciam a vida de gays e de lésbicas.¹⁰ Segundo Julie Matthaei, não é o aumento do trabalho assalariado, mas sim a gradual erosão da divisão sexual do trabalho que está por trás do surgimento da figura moderna da lésbica.¹¹ Uma vez que certas mulheres se tornaram mais

⁹ Ibid., p. 108-109

¹⁰ GLUCKMAN, A.; REED, B. (Org.). *Homo economics: capitalism, community, and lesbian and gay life*. New York: Routledge, 1997, p. xi-xxxi: Introduction; MATTHAEI, J. The sexual division of labor, sexuality and lesbian/gay liberation: towards a marxist-feminist analysis of sexuality in U.S. capitalism. In: GLUCKMAN, A.; REED, B. (Org.). *Homo economics: capitalism, community, and lesbian and gay life*. New York: Routledge, 1997. p. 135-164.

¹¹ Apesar de estar além do enfoque deste artigo, deve-se mencionar que este argumento levanta questões importantes sobre a relação entre movimentos feministas e comunidades lésbicas na América Latina. Alguns poucos estudos mencionam a complexa e problemática relação entre os dois grupos. Ver, por exemplo, GOLDBERG, A. Feminismo no Brasil contemporâneo: o percurso intelectual de um ideário político. *BIB/ANPOCS*, São Paulo, n. 28, p. 42-70, 1989 e THAYER, M. Identity, revolution and democracy: lesbian movements in Central America. *Social Problems*, Berkeley, CA, EUA, v. 44, n. 3, p. 386-407, 1997; porém estudos mais detalhados são necessários (um passo nessa direção é MOGROVEJO, N. *Un amor que se atrevió a decir su nombre: la lucha de las lesbianas y su relación con los movimientos homosexual y feminista en América Latina*. México: CDHAL: Plaza y Valdés, 2000).

independentes da família e dos homens, isto é, quando elas conquistaram um acesso mais independente ao mercado de trabalho assalariado, lhes foi possível estabelecer vínculos e relacionamentos com outras mulheres. A análise dos processos examinados por D'Emilio, como se vê, é somente parcialmente aplicável à situação das lésbicas.

Como mencionado anteriormente, muitos dos processos examinados por D'Emilio já se desenrolaram no Brasil, principalmente nos principais centros urbanos do país. Uma das características do processo de urbanização no Brasil é a enorme concentração de recursos (econômicos, políticos e culturais) em grandes centros urbanos, um fenômeno ligado à natureza do desenvolvimento econômico latino-americano.¹² Desde o período colonial, passando pelo período de imperialismo comercial britânico no século XIX e pela rápida industrialização no século XX, o poder concentrou-se em algumas poucas cidades brasileiras, que se tornaram os centros administrativos e econômicos do país. Tal processo pode ser visto nos casos de São Paulo e Rio de Janeiro. Mais tarde, com a expansão do processo de desenvolvimento, outros centros emergiram em diversas regiões do país, mas nenhum deles compete com as duas maiores cidades brasileiras. É nestes centros que se encontram as maiores e mais sólidas comunidades gays e lésbicas. São Paulo proporciona um exemplo da influência dos grandes centros.¹³ A cidade foi uma das primeiras no país a incluir legislação proibindo a discriminação por orientação sexual em seu estatuto municipal. No final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, mais de setenta outras municipalidades adotaram medidas semelhantes. Conforme indicado por um militante do Partido dos Trabalhadores (PT), tal "avanço" se deve ao fato de várias municipalidades terem simplesmente copiado integralmente a Lei Orgânica da cidade de São Paulo, incluindo assim a legislação que protege minorias sexuais contra discriminação por orientação sexual.

¹² OXHORN, P. From controlled inclusion to coerced marginalization: the struggle for civil society in Latin America. In: HALL, J. (Org.). *Civil society: theory, history and comparison*. Cambridge: Polity Press, 1995. p. 253-254.

¹³ GREEN, J. N. Desire and militancy: lesbians, gays, and the Brazilian Workers' Party. In: DRUCKER, P. (Org.). *Different rainbow: same-sex sexuality and popular struggle in the third world*. London: Gay Men's Press, 2000. p. 57-70.

Seria um exagero dizer que somente Rio e São Paulo proporcionam condições para o surgimento de comunidades gays e lésbicas. Outros pólos existem em diversas regiões do país. No final da década de 1970, vários centros urbanos no Nordeste do país proporcionavam oportunidades para a expressão da homossexualidade numa região caracterizada por rígidas normas de gênero.¹⁴ No interior do Estado de São Paulo, várias cidades, como por exemplo São José do Rio Preto, Ribeirão Preto e Campinas atraem pessoas de cidades vizinhas onde o número de estabelecimentos comerciais voltados para o público GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) é bastante reduzido.¹⁵

CLASSE E ORIENTAÇÃO SEXUAL: UMA COMUNIDADE DIVIDIDA?

A relação positiva entre desenvolvimento e modernização e o surgimento de comunidades gays e lésbicas analisado acima torna-se mais complexa se analisarmos o mesmo processo a partir da questão da desigualdade socioeconômica. Primeiro, em um nível mais micro, a classe social afeta as possibilidades de estabelecimento de relações homoafetivas e de redes homossociais, que são de suma importância para o desenvolvimento de uma auto-identificação como gay ou lésbica. Isto não quer dizer, é claro, que gays e lésbicas de classe mais baixa não tenham condições de encontrar e conhecer outras pessoas com uma orientação sexual semelhante ou não consigam estabelecer redes de contatos com outros homossexuais. No entanto, classe interfere neste processo de maneira significativa. Para os setores populares no Brasil, a função econômica da família retém uma grande importância. A renda de classes mais baixas é irregular e pequena, tornando muito difícil a independência econômica de um indivíduo de sua família. A sobrevivência

¹⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. de; CEBALLOS, R. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In: SANTOS, R.; GARCIA, W. (Org.). *A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: NCC-Suny: Xamã: Abch, 2002. p. 307-328.

¹⁵ PARRA, R. O interior entra em cena. *G Magazine*, São Paulo, n. 47, ago. 2001, p. 78-82.

econômica, tanto para o indivíduo quanto para a família como um todo, depende da permanência dos filhos no âmbito familiar até que eles se casem (e em vários casos após o casamento, devido à falta de moradia). A proximidade e controle da família fazem com que a exploração de atrações e relacionamentos homossexuais se torne muito difícil. Gays e lésbicas de classe alta, por outro lado, podem dar-se ao luxo de manter um apartamento para tais encontros, ou têm meios para pagar um quarto de motel para tais fins.¹⁶

Ademais, a família tem importantes funções de “previdência social” para as classes mais baixas, uma função que diminui em importância quanto mais alta a renda e maior o acesso a atendimento médico privado. Pessoas de classe mais baixa são mais dependentes de suas famílias na eventualidade de uma doença ou deficiência.¹⁷ No caso de países em desenvolvimento, este problema é exacerbado pela falta de recursos estatais, o que impossibilita a manutenção de um seguro sistema de bem-estar social providenciado pelo Estado. As reformas neoliberais implementadas nos últimos anos tende a piorar o problema.

Enquanto em vários casos a dependência de certos indivíduos de classe baixa em relação a suas famílias os impede de buscar livremente parceiros do mesmo sexo, é importante mencionar que tal dependência é muitas vezes mútua: o que existe em alguns casos é uma interdependência. Tal situação abre espaços de tolerância no âmbito familiar que permitem, sob certas condições, um alto nível de liberdade. Como Don Kulick demonstra em seu livro *Travesti: sex, gender and culture among brazilian transgendered prostitutes*, muitas vezes travestis adquirem respeito e tolerância no meio familiar graças à importante ajuda financeira e material que elas podem proporcionar com sua renda.¹⁸

Outra área afetada pelas desigualdades socioeconômicas é aquela dos espaços comunitários, que podem ser divididos em

¹⁶ MURRAY, S. Family, social insecurity, and the underdevelopment of gay institutions in Latin America. In: _____. (Org.). *Latin American male homosexualities*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1995. p. 33-48.

¹⁷ Ibid., p. 37

¹⁸ KULICK, D. *Travesti: sex, gender and culture among brazilian transgendered prostitutes*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

espaços públicos e estabelecimentos comerciais. Espaços públicos são parques, praças, praias e outros espaços públicos usados para contatos entre homossexuais, desde locais para pegação até aqueles usados para encontros sexuais. Estabelecimentos comerciais incluem saunas, bares, boates, e outros estabelecimentos onde gays e lésbicas se encontram e, ocasionalmente, têm relações sexuais. De acordo com o status socioeconômico, estes diferentes tipos de espaços comunitários são mais ou menos acessíveis, ou são utilizados de maneiras diferentes. Estabelecimentos comerciais, especialmente os considerados mais modernos, mais abertamente gay, como certos bares, boates e festas estão freqüentemente muito além do poder aquisitivo das classes mais baixas, o que os torna espaços de classes média e alta.¹⁹ Conforme mencionado anteriormente, certas cidades do interior do Estado de São Paulo funcionam como pólos regionais devido à sua maior concentração de estabelecimentos comerciais para o público GLS,²⁰ porém a mobilidade necessária e o custo dessas visitas ocasionais estão fora do alcance de grande parte da população de gays e lésbicas das cidades vizinhas. Mais uma vez, estas considerações não devem ser exageradas, uma vez que indivíduos de classe baixa têm opções disponíveis para seu entretenimento e homosociabilidade. Muitas vezes, entretanto, uma certa hierarquia é estabelecida entre estabelecimentos mais chiques de classe alta e outros onde a clientela é mais variada.²¹ Espaços públicos como parques e praias são claramente mais acessíveis a indivíduos de baixa renda que bares e boates caras. Pode-se ver, então, como o *status* socioeconômico influencia a distribuição espacial nesta geografia do desejo. Como mostra Richard Parker, no caso da cidade do Rio de Janeiro, o uso de espaços públicos muda com o passar do tempo de acordo com a classe social.²²

¹⁹ DRUCKER, P. In the tropics there is no sin: sexuality and gay-lesbian movements in the third world. *New Left Review*, Londres, n. 218, p. 90, 1996.

²⁰ PARRA, 2001, p. 82

²¹ ALBUQUERQUE JR; CEBALLOS, 2002. In: SANTOS, R.; GARCIA, W. (Org.). *A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: NCC-Suny: Xamã: Abeh, 2002. p. 150-151

²² PARKER, R. G. *Beneath the Equator: cultures of desire, male homosexuality, and the emerging gay communities in Brazil*. New York: Routledge, 1999.

Apesar de um certo nível de interação entre as diversas classes em vários desses espaços, especialmente por meio da prostituição, existem claras diferenças nos níveis de segurança, aceitação e glamour entre os espaços públicos em bairros mais nobres como Ipanema e Leblon, e aqueles em bairros mais populares na Zona Norte e Zona Oeste.

O surgimento desta “*pink economy*” e a visão que gays representam um importante nicho do mercado a ser explorado²³ podem contribuir para a construção de uma imagem de gays como consumidores vorazes e casais homossexuais como um ideal mercadológico, como dizem os americanos, *duas rendas e nenhuma criança* (“*DINKs*”, ou “*double income, no kids*”).²⁴ Numa publicação recente intitulada *The Sexual Citizen: queer politics and beyond*, David Bell e Jon Binnie analisam os perigos de uma estratégia de *liberação pelo consumo* para minorias sexuais nos Estados Unidos e no Reino Unido.²⁵ Tal estratégia pode levar à aceitação de um tipo de gay (branco, de classe média), visto como um modelo de cidadão-consumidor,²⁶ e uma maior marginalização de todos os outros “devassos” que não se encaixam nessa forma. Em termos mais brasileiros: corre-se o risco de aceitar o gay rico e marginalizar ainda mais a bicha pobre.

Em terceiro lugar, desigualdades socioeconômicas estão ligadas à distribuição da violência contra minorias sexuais. Num de seus vários estudos sobre o alto índice da violência e discriminação contra homossexuais no Brasil, Luiz Mott mostra como o problema atinge todas as camadas sociais.²⁷ Os dados apresentados por Mott demonstram que as vítimas de homicídios contra homossexuais pertencem a uma grande variedade de

²³ Ver, por exemplo, ALBUQUERQUE JR; CEBALLOS, 2002, In: SANTOS, R.; GARCIA, W. (Org.). *A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbic@s no Brasil*. São Paulo: NCC-Suny; Xamã: Abeh, 2002. p. 149.

²⁴ BADGET, M.V. L. *Money, myths and change: the economic lives of lesbians and gay men*. Chicago: The University of Chicago Press, 2001. p. 1-2; BELL, D.; BINNIE, J. *The sexual citizen: queer politics and beyond*. Cambridge: Polity Press, 2000. p. 97.

²⁵ BELL; BINNIE, loc. cit., p. 96-107

²⁶ Ibid., p. 97-98

²⁷ MOTT, L. R. de B. Os homossexuais: as vítimas principais da violência. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (Org.). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ; Ed. da FGV, 1996. p. 99-146.

categorias profissionais.²⁸ Porém, o local onde ocorre tal violência física e assassinatos tende a estar relacionado com o uso de espaços comunitários. Segundo os dados, grande número de travestis e michês foram mortos em locais públicos, enquanto outras vítimas gays e lésbicas foram mortos em seus próprios domicílios.²⁹ Dentre os autores dos crimes, policiais e oficiais militares eram a maioria, seguidos de michês.³⁰ Ao menos relativamente, os dados dão a impressão de que os estabelecimentos comerciais freqüentados pelas classes média e alta são mais seguros que outros espaços públicos. Além disso, o problema da violência no Brasil nas duas últimas décadas, mais amplamente falando, tem sido caracterizado por uma pauperização da violência. Indivíduos de classe mais baixa sofrem a maior parte da violência praticada por policiais em e fora de serviço, justiceiros, esquadrões da morte e linchamentos.³¹ Homofobia e discriminação social se cruzam e gays e lésbicas de classes mais baixas carregam o maior peso dessa realidade violenta. Se analisarmos a violência sofrida por gays de classes mais altas, outra relação importante entre desigualdade e distribuição da violência contra homossexuais se evidencia. Nos numerosos casos de latrocínio onde michês roubam e matam clientes gays em seus apartamentos ou quartos de motel, o crime ocorre no contexto de um encontro homoerótico, mas sua lógica, muitas vezes, tem mais a ver com pressões socioeconômicas que com orientação sexual pura e simplesmente.

²⁸ Ibid., p. 127

²⁹ Ibid., p. 128

³⁰ Ibid., p. 133-134

³¹ PINHEIRO, P. S. Democracies without citizenship. *NACLA: Report on the Americas*, v. 30, n. 2, p. 17-23, 1996; PINHEIRO, P. S. The rule of law and the underprivileged in Latin America: Introduction. In: MÉNDEZ, J.; O'DONNELL, G.; PINHEIRO, P. S. (Org.). *The (un)rule of law and the underprivileged in Latin America*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1999. p. 1-18; PINHEIRO, P. S. Democratic governance, violence and the (un)rule of law. *Daedalus*, Cambridge, MA, EUA, v. 129, n. 2, p. 119-144, 2000; CHEVIGNY, P. Defining the role of the police in Latin America. In: MÉNDEZ, J.; O'DONNELL, G.; PINHEIRO, P. S. (Org.). *The (un)rule of law and the underprivileged in Latin America*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1999. p. 49-70; MARTINS, J. de S. Lynchings: life by a thread: street justice in Brazil, 1979-1988. In: HUGGINS, M. (Org.). *Vigilantism and the state in modern Latin America: essays on extralegal violence*. New York: Praeger, 1991. p. 21-32.

CLASSE SOCIAL E POLÍTICA DE MOVIMENTOS DE GAYS E LÉSBICAS

Nossa análise até este ponto tem se concentrado na relação entre classe e o desenvolvimento de comunidades de gays, lésbicas e travestis. A maior parte das pesquisas feitas até hoje permite-nos teorizar sobre esse aspecto. Outra questão, e que recentemente começou a receber uma crescente atenção acadêmica, refere-se ao surgimento de movimentos sociais de gays e lésbicas em países em desenvolvimento.

Os interesses defendidos por indivíduos, grupos e organizações no movimento gay e lésbico são derivados não somente da orientação sexual, mas de outros elementos que compõem o sujeito, tais como raça, sexo e *status* socioeconômico. Por conseguinte, a prioridade de certas questões pode variar de grupo para grupo, segundo divisões de classe. Certos grupos de classe média, dessa maneira, usariam uma maior parte de seus recursos na luta pelo reconhecimento da parceria entre pessoas do mesmo sexo ou por benefícios trabalhistas derivados do reconhecimento de tal parceria. Grupos de classe mais baixa, usariam seus recursos na luta contra questões que afetam essas camadas da sociedade, mais direta e urgentemente, como violência e discriminação social. Várias questões, porém, não podem ser classificadas como sendo de classe mais baixa ou mais alta, como por exemplo discriminação homofóbica em geral e HIV-AIDS e, conseqüentemente, apresentam um potencial para uma mobilização entre diversas classes sociais.

Como em vários outros países latino-americanos, a maioria dos participantes no movimento gay e lésbico no Brasil tendem a ser de classe baixa ou classe média baixa, e muitos líderes de organizações, de classe média.³² Mais uma vez, classe pode nos ajudar a compreender tal distribuição. Um engajamento político e público no movimento gay representa um risco material maior para indivíduos de classe alta, que têm muito a perder e conseqüentemente tendem a ser mais conformistas e conservadores. Além disso, especialmente nos grandes centros

³² GREEN, J. N.; BABB, F. Introduction. *Latin American Perspectives*, Thousand Oaks, CA, EUA, v. 29, n. 2, p. 14, 2002.

urbanos, a opção da liberação pelo consumo aberta a esses indivíduos pode contribuir para sua baixa politização.

Crises econômicas mostram outra maneira como o desenvolvimento econômico, desigualdades socioeconômicas e o movimento de gays e lésbicas estão ligados. Durante a década perdida dos anos 80, as classes média, média baixa e operária foram duramente afetadas pela crise econômica. Na mesma época, o número de organizações de gays e lésbicas diminuiu significativamente.³³ Isto pode ser explicado, em parte, pela diminuição de recursos organizacionais (materiais, humanos, etc.) disponíveis a esses grupos e pela reorganização de prioridades, dada a urgência de questões materiais e econômicas.³⁴

Para encerrar, analisar a questão da homossexualidade a partir de questões socioeconômicas (desenvolvimento e desigualdade) dá-nos uma melhor idéia da diversidade e complexidade das comunidades e movimento de gays, de lésbicas e de travestis. Certas tensões e riscos também puderam ser esclarecidos, como por exemplo o perigo da ilusão de liberação que o crescimento de estabelecimentos comerciais para o público GLS cria. Tal liberação é extremamente limitada, e gera a possibilidade de uma maior marginalização de grande parte da comunidade gay e lésbica. A histórica ligação do movimento gay com a esquerda pode ser uma fonte de contestação a uma estratégia baseada num consumismo exagerado.³⁵ No meu parecer, alianças mais fortes com grupos que lutam por maior igualdade econômica, de gênero e racial podem fortalecer e ajudar a causa do movimento de gays, de lésbicas e de travestis. Tais alianças podem também auxiliar no processo de aprofundamento da democracia no Brasil, que continua incompleta em várias esferas, incluindo a sexual e a econômica.

³³ GREEN, J. N. The emergence of the brazilian gay and lesbian movement, 1977-1981. *Latin American Perspectives*, Thousand Oaks, CA, EUA, v. 21, n. 1, p. 38-55, 1994.

³⁴ Mesmo que esta explicação faça sentido, na minha opinião, ela não é suficiente para explicar o declínio do movimento durante o início da década de 1980. A chegada da AIDS neste mesmo período também teve um papel importante no processo. Uma maior investigação se faz necessária para melhor estabelecer as relações de causa e efeito nesta questão.

³⁵ Enquanto vários avanços foram alcançados graças a esta aliança, o relacionamento entre o movimento gay e organizações de esquerda tem também um aspecto problemático, ver: GREEN, 1994 e GREEN; BABB, 2002

**GAYS RICOS E BICHAS POBRES: DEVELOPMENT,
SOCIO-ECONOMIC INEQUALITY AND
HOMOSEXUALITY IN BRAZIL**

ABSTRACT

This article presents some considerations regarding the complex relationship between development, socioeconomic inequality, and sexual minorities in Brazil. The first section analyzes the relationship between the process of modernization and the emergence of gay and lesbian networks and communities. Based on arguments made by John D'Emilio in his article entitled *Capitalism and Gay Identity* (1983), this analysis traces the impact of urbanization and the rise of wage labour on the importance and function of the family. The second part explores in greater detail the relationship between class and homosexuality, showing how social class affects the formation of homo-affective relationships and homo-social networks, the use of communitarian spaces, and the patterns of violence against gays, lesbians and travestis. The third and last part concludes with some considerations regarding the relationship between class and the gay and lesbian movement.

KEYWORDS

Homosexuality; Class; Brazil; Social movements



Passeata rumo à Vila Euclides em São Bernardo do Campo, 1 maio 1980.